



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1059

OLHARES SOBRE A JUVENTUDE EM BLUMENAU/SC: UMA HISTÓRIA DA LEI ORDINÁRIA Nº 5211

Prof. Dr. Leonardo Brandão
Universidade Regional de Blumenau - FURB

Esta pesquisa foi concebida no domínio historiográfico conhecido como “História da Juventude”. Tomamos como objeto de estudo o movimento dos jovens skatistas de Blumenau/SC, em especial durante o período de proibição desta atividade na cidade. A proibição foi decretada pela Lei Ordinária de número 5211, que entrou em vigor no dia 17 de maio de 1999 e foi revogada somente em 2008, durante a gestão do prefeito João Paulo Kleinübing. O objetivo central foi compreender os motivos que levaram o poder público a decretar a proibição desta atividade e como a existência dessa lei afetou muitos jovens, interferindo em suas práticas de lazer e, em vários casos, marginalizando tanto a prática quanto seus praticantes. Além disso, através do método da História Oral, foi realizado um trabalho de entrevistas com os sujeitos remanescentes desta época. Muitos relataram casos de repressão e abuso de autoridade policial, como violência física, agressões verbais e multas. Concluiu-se que, embora a proibição dessa atividade juvenil tenha sido decretada por lei municipal no ano de 1999, uma coibição bastante rígida a ela já existia desde o final da década de 1980 em Blumenau. Além disso, o retorno à legalidade, ocorrido com a revogação da lei no ano de 2008, foi conquistado através da pressão organizada pelos jovens na câmara dos vereadores e junto ao prefeito. A legalização foi acompanhada pela construção de uma pista pública de skate no Parque Ramiro Ruediger, próximo ao centro da cidade.

Palavras-chave: História; Juventude; Skate; Blumenau.

Introdução/justificativa

Blumenau é uma cidade localizada no Estado de Santa Catarina, na região do Vale do Rio Itajaí e conhecida nacionalmente por sediar a *Oktoberfest*. Segundo a última pesquisa do IBGE, realizada em 2014, Blumenau apresenta uma população estimada de 334 mil habitantes, o que lhe confere o título de terceira maior cidade do Estado (ficando atrás somente de Florianópolis e Joinville).

O texto aqui apresentado faz parte de uma pesquisa em fase de finalização, mas que já conta com resultados claros. Como escrito no resumo acima, o estudo teve como objeto o movimento dos jovens skatistas de

Blumenau, em especial durante o período de proibição desta atividade na cidade.

O *skate* é uma invenção norte-americana que se globalizou. Sua prática teve início na Califórnia/EUA, inserida num conjunto de atividades físicas, lúdicas e performáticas efetuadas a partir de pranchas e demais equipamentos (como rodas, velas, parafinas etc). O *skate*, tal como o *surf*, o *windsurf* ou o *bodyboard*, foi uma atividade que se desenvolveu à margem – e muitas vezes em contraposição – aos esportes tradicionais de origem inglesa. Segundo o historiador Georges Vigarello, muitas dessas novas práticas “reivindicam um contracultura, uma pertença específica, essa resistência às instituições que a sociedade mais individualista parece manifestar nos dias de hoje” (VIGARELLO, 2008, p. 238).

Juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis e “tudo aquilo que está associado com 1968” (HALL, 2003, p. 44), o *skate* também proporcionou elementos identitários para parcelas importantes da juventude de muitos países ocidentais, em especial para a juventude estadunidense, e em menor escala, para jovens de outras partes do mundo, como Austrália, Canadá, França, Alemanha, Inglaterra e Brasil. No entanto, essas novas práticas corporais que surgiram no bojo das revoluções culturais juvenis não encontraram, inicialmente, aceitação ou respaldo por setores mais conservadores das sociedades ocidentais, sendo muitas vezes associadas a desvios ou a práticas de risco. O *skate*, por exemplo, chegou a ser proibido em cidades dos Estados Unidos e também no Brasil. Em trabalhos anteriores (BRANDÃO, 2011, 2014) havíamos pesquisado os motivos que levaram as restrições e a posterior proibição de sua prática pelas ruas e demais espaços públicos na cidade de São Paulo, ocorridas na gestão do prefeito Jânio Quadros (1986 – 1989). No entanto, para o desenvolvimento das pesquisas sobre a história da proibição do *skate* no Brasil, faz-se importante o investimento em pesquisas mais regionalizadas e com foco em outras cidades para além de São Paulo. Esse estudo é um primeiro esforço nessa direção, pois ele se faz a partir do recorte geográfico ligado a região Sul do país, elegendo como foco a cidade de Blumenau, em Santa Catarina.

Objetivos

Compreender os motivos que levaram o poder público de Blumenau/SC decretar a proibição da prática do skate nesta cidade e como a existência dessa lei afetou muitos jovens, interferindo em suas práticas de lazer e, em vários casos, marginalizando tanto a prática quanto seus praticantes.

Resultados

Os primeiros skatistas em Blumenau podem ser localizados na década de 1970, no entanto, foi na década seguinte que a quantidade de jovens que passou a fazer uso dessa prática aumentou consideravelmente. Assim, o skate praticado em Blumenau, seguindo uma tendência mundial que tinha nos Estados Unidos o principal agente indutor, passou a sofrer influências de uma nova modalidade, chamada “*Street Skate*”, a qual passou a ser exercida com skates maiores e não se resumia apenas a descida de ladeiras, mas sim num ato de apropriação de aparelhos urbanos (bancos, escadas, muretas) presentes em praças, ruas, escolas etc. A partir da segunda metade da década de 1980, esse novo “tipo” de skate começou a despertar a atenção de muitos jovens na cidade, e não tardou para se tornar a tendência dominante de uma nova geração de skatistas blumenauenses.

Assim, os skatistas de Blumenau passaram a ganhar cada vez mais as ruas. O skatista Vanderlei Serpa, que começou a praticar skate em Blumenau no ano de 1982, conta que por volta de 1987 cresceu bastante o número de skatistas na cidade. Ele se recorda que por essa época conhecia uma turma que saía do bairro Vila Nova e ia para o centro de skate, descendo o morro da Rua Joinville, que era asfaltado. “A gente andava bastante na Alameda, na Beira-Rio, na Rua XV e na Rua Sete de Setembro”, recorda o skatista.

No entanto, como relatou esse skatista, praticar nas ruas trouxe conseqüências negativas ao skate, pois desde que “os skatistas começaram a andar no centro da cidade teve início a discriminação, com o pessoal olhando torto”. E então, ele afirma, “arrumaram um jeito de proibir o skate”.

Na visão de Najuí Estrázulas havia entre o final nos anos de 1980 e começo dos anos 90 uma média de mil jovens que praticavam skate em

Blumenau, sendo que alguns desses com bastante constância e outros com menos. Segundo Najuí, essa quantidade de skatistas, que no começo era pequena (cerca de uns trinta), mas que rapidamente foi aumentando, acabou assustando os moradores da cidade. Em suas palavras,

Pelo barulho de andar de skate nas ruas, o pessoal da cidade começou a ficar incomodado. E Blumenau tem um pouco assim de ser um povo conservador, limpinho, com as calçadas limpinhas. E surgiu aquele negócio de andar de skate, de usar os bancos, e isso começou a incomodar. Começou daí o motivo da encrenca com os skatistas. E na medida em que foi aumentando o número de skatistas, também foi aumentando o preconceito. E a gente era meio cabeludo, e acho que isso também ajudava um pouco.

Andreas Peters lembra que o skate, durante a segunda metade da década de 1980, não era visto como um esporte pelas pessoas em Blumenau. Ele se recorda que houve um episódio no qual os skatistas construíram uma rampa de madeira e colocaram na “Praça da Flamingo”. Após andarem de skate nessa rampa, os skatistas saíram para tomar um refrigerante. Ao voltarem, ficaram sabendo que um taxista indignado havia jogado a rampa no rio Itajaí-Açu.

Diante disso, Andreas comenta que na época “muitas pessoas não gostavam de skate e ponto final”. “Alguns viam como brincadeira, mas muitos com sendo uma coisa de quem ficava na rua, como algo de certo modo marginalizado”. Assim, bem antes da proibição oficial de 1999, já havia muita restrição à prática em si.

Outro exemplo, conta Andreas, foi um episódio ocorrido em 1989. Ele, junto a um grupo de amigos, estava passando de skate pelas ruas e calçadas do centro da cidade, e então um guarda de trânsito começou a gritar que não podia andar de skate, parou o grupo, iniciou uma discussão e desferiu um forte soco no peito de um dos skatistas. O rapaz que levou o soco era filho do prefeito da cidade, Vilson Kleinübing. Houve bate-boca e os rapazes saíram de lá, deixando o guarda falando sozinho. Andreas lembra que o skatista agredido não denunciou o guarda de trânsito, mas que bem podia fazê-lo, pois além da

agressão sofrida, nesta época não havia ainda uma lei que proibisse o skate oficialmente.

Com o problema do skate nas ruas, a prefeitura da cidade, numa iniciativa conjunta com a Coca-Cola, viabilizou no ano de 1989 uma pista de skate pública na cidade. A pista da “Prainha”, como ficou conhecida, ficava na margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, o qual corta a cidade de Blumenau ao meio e já protagonizou enchentes históricas no município (MATTEDI, 2000). Segundo Najuí, a chamada “Prainha” era um “local bonito, onde o pessoal ia por lazer, para tocar violão, andar de skate, praticar esportes. Lá tinha quadras de vôlei, tinha uma concha acústica onde aconteciam os shows. O *Skol Rock* acontecia na Prainha”, relembra.

A pista da “Prainha” tornou-se o ponto de encontro dos skatistas de Blumenau tanto antes da proibição do skate nas ruas quanto durante o período em que a lei esteve em vigor.

Não é correto pensar que durante o período da proibição oficial do skate em Blumenau, de 1999 a 2007, a prática na rua foi inexistente e restringiu-se somente a “Prainha”. O skate acontecia nas ruas, com os skatistas tentando driblar a lei e andar em locais onde os guardas dificilmente passariam em frente. No entanto, o fato de existir a lei e, principalmente, de existir uma multa para o skatista, com retenção do skate, coibiu bastante a prática nas ruas, calçadas ou praças.

Se a prática do skate nas ruas (*street skate*) contou com restrições desde que começou a ser praticado em Blumenau, a década de 1990 foi taxativa a esse respeito. O skatista George Gonçalves, que começou a praticar skate no ano de 1983, conta que a Pista da Prainha, durante seus cinco primeiros anos de existência satisfaz bem os skatistas da cidade, mas com o tempo ela começou a ficar limitada, desgastada, fazendo com que muitos skatistas enjoassem da prática do skate apenas neste local. Segundo suas palavras:

De 1994 a 1998 foi muito grande a repressão sobre o skate em Blumenau. A Pista da Prainha já não trazia a dificuldade que a gente queria, pois ela era uma pista limitada. E como ela era muito limitada a galera começou a ir novamente para as ruas. Isso trouxe muito embate entre a população e o pessoal que andava de skate na rua, porque tinha gente que deixava o

skate escapar e o skate ia para o meio da rua, pegava no carro, pegava na canela de alguém. Então muita coisa aconteceu nesse tempo, fazendo com que a Guarda Municipal entrasse em parceria com a polícia militar e começasse a retirar o skate de circulação, achando que assim iriam conseguir acabar com o skate, pelos menos em Blumenau.

Com os skatistas novamente nas ruas, e sendo essa presença interpretada como nociva à ordem urbana, as coibições à atividade voltaram a ocorrer com maior freqüência, o que resultou, no ano de 1999, na promulgação da lei que proibiu o skate pelas ruas de Blumenau, a Lei Ordinária nº 5211, a qual entrou em vigor no dia 17 de maio de 1999. Em seu texto, no Art. 2º, encontramos escrito que era proibido praticar skate em,

Passeios públicos, vias públicas, corredores de ônibus e no centro da cidade, no trecho compreendido entre a Alameda Duque de Caxias e a Rua Amadeu da Luz e entre a Avenida Castelo Branco e a Rua Sete de Setembro, incluídas as referidas vias públicas.¹

Segundo este documento, quem o desobedecesse seria considerado um infrator e estaria sujeito a sanções aplicadas pelo órgão fiscalizador do município ou por entidade delegada. Tais sanções incluíam advertências por escrito, pagamento de multa no valor de 25 UFIR's (Unidades Fiscais de Referência) e "apreensão do veículo infrator", no caso o skate, sendo esse recolhido para o Depósito Municipal. No depósito os skates ficariam guardados, sendo fixado em 3 UFIR's o custo diário de sua guarda e conservação. A devolução dos skates apenas ocorria "mediante o comprovante de quitação do pagamento de encargos correspondentes e da multa na tesouraria do Município". No final do documento, em seu Art. 4º, também se encontrava escrito que "fica o Poder Executivo autorizado a celebrar convênio com a Polícia Militar e outros, visando o amplo cumprimento do que trata esta Lei".

Skatistas em Blumenau relembram como essa época significou um período de restrições, coibições e muitos embates na cidade. Alex Caldeira de

¹ Câmara Municipal de Blumenau. Lei Ordinária nº 5211/1999 de 17/05/99. Esta lei encontra-se publicada no site do Sistema de Lei Municipais. O endereço para acesso na Internet é: <https://www.leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1999/522/5211/lei-ordinaria-n-5211-1999-regulamenta-o-transito-de-bicicletas-no-municipio-e-da-outras-providencias-revogando-a-lei-no-4492-95-2007-10-10-versao-compilada>, acesso em 20/08/2014.

Oliveira, skatista que na época da promulgação dessa lei exercia também as funções de professor de música em Blumenau, comenta como, repentinamente, ficou sabendo da promulgação da Lei,

Essa história ocorreu em 1999, foi um pouco antes d'eu casar, pois eu já era um homem feito já, eu dava aula de música em frente da Universidade (FURB) e tinha o skate como meio de transporte. Eu lembro que fui atravessar a rua da escola de música até o ponto de ônibus. E então passou uma Kombi cheia de policiais. E como era lei, eles desceram e me explicaram: "Olha, o skate está proibido agora, você não pode mais andar com ele na rua, eu vou ter que recolher o skate". Eu achei desnecessário aquilo, mas eles pegaram meu skate e levaram para a SETERB, que era o local onde eles depositavam os skates presos. Eu paguei uma multa e fui depois lá para recuperar o skate e já tinham uns duzentos skates apreendidos.

Neste mesmo ano de 1999, o skatista Vanderlei Serpa relembra uma história que aconteceu não só com ele, mas que envolveu um grupo de skatistas na cidade. Eles estavam em mais ou menos uns dez skatistas quando se depararam com um galpão, o qual parecia estar abandonado, nas proximidades da Escola de Educação Básica Pedro II, no bairro Jardim Blumenau. Serpa conta que, pela rua, eles avistaram que havia nesse galpão um chão liso, bastante ideal para a prática do skate. Foi então que resolveram pular o muro para andar de skate dentro do galpão, uma vez que o mesmo estava aparentemente sem uso e abandonado. Entretanto, tão logo começaram a praticar apareceu "um cara levantando os braços", mas o pessoal do skate não entendeu direito o que era e continuou andando. Serpa conta que esse indivíduo voltou armado e mandando todos saírem do local. Ao saírem, o grupo de skatistas se deparou com uma viatura da polícia civil, que logo apreendeu todos os skates. Mas o pitoresco dessa história, conta Serpa, foi que a polícia ordenou para que todos os skatistas ficassem em fila, um atrás do outro, e que fossem caminhando deste modo até a delegacia, que ficava nas proximidades do local. "Era uma maneira de nos intimidar, pois a polícia foi ao lado com a viatura e nós fomos andando a pé, em fila, até a delegacia, e isso para prestar contas e assinar nossos nomes", relata o skatista.

Embora o skate já sofresse repressão antes da proibição, a existência dessa lei que proibia o skate forneceu aos policiais e guardas de trânsito um

pretexto para ficarem muito mais agressivos com os skatistas. Como exemplo disso, Serpa lembra que no ano de 2004, época em que já era casado, ele foi ao supermercado fazer compras junto a sua esposa, ela de bicicleta e ele de skate. Ele voltou carregando as compras e empurrando o skate com o pé, tranqüilo, conversando com ela. No entanto, quando estavam perto do SENAI, voltando do mercado, eis que parou uma viatura ao seu lado e de lá saiu um policial, que disse bruscamente: “Pare de andar com essa merda aí”. Ele tentou explicar para o policial que não estava andando de skate, apenas empurrando o mesmo com o pé, enquanto levava as compras com as mãos. Não teve conversa, pois logo em seguida que a abordagem ocorreu, encostaram outras duas viaturas que estavam passando no local. Serpa relatou que, num intervalo de tempo de poucos minutos, se viu cercado por três viaturas e oito policiais, todos muito nervosos, e que começaram a “engrossar” com ele, ameaçando-o fisicamente de “levar porrada” caso insistisse em ir caminhando para casa empurrando o skate com os pés. “Armaram uma confusão gigante por causa de uma coisinha de nada”, diz ele. Mas não teve jeito e nem conversa, ele teve seu skate preso e voltou para casa somente com as compras do mercado.

As histórias sobre a repressão policial com a prática do skate nas ruas em Blumenau são muitas e vários skatistas remanescentes dessa época guardam, cada qual, suas lembranças. Assim, pelo seu caráter repressivo, o conteúdo dessa lei acabou por se tornar notícia na mídia impressa especializada em skate². Foi a revista *100% Skate* quem alardeou o feito num editorial escrito em sua edição de número 48, de março de 2002. Essa revista, de distribuição nacional, contava com grande credibilidade entre os skatistas, tendo sido fundada no ano de 1995 pelo então skatista profissional, fotógrafo e jornalista, Alexandre Vianna.

Ela divulgou o feito de modo engenhoso: na edição mencionada, o editorial vinha escrito em letras garrafais: “ABAIXO A REPRESSÃO”, e, logo em seguida, reproduzidos dois documentos de conteúdo bem diverso. O primeiro era a Lei que proibia a prática do skate nas vias públicas de

² Desde o final da década de 1970 já havia mídias impressas sobre skate, as quais nasceram com poucas tiragens, mas, com o auge e o desenvolvimento dessa atividade, passaram a tomar caráter nacional, chegando às bancas de muitas cidades no Brasil. Nas décadas de 1990 e 2000 destacam-se a revista *Tribo*, que teve início em 1991, e a revista *100% Skate*, publicada desde 1995.

Blumenau, e o segundo um documento da Prefeitura de Juiz de Fora/MG, assinado pelo então prefeito deste município, Tarcísio Delgado, que autorizava a Secretaria Municipal de Obras, em todas as praças e áreas de lazer do município, a construção de “equipamentos de skate, para atender a justa reivindicação da Associação Juizforana de Skate”³. Junto à reprodução desses dois documentos, o texto do editorial trazia a seguinte reflexão:

Em Blumenau a prefeitura criou uma lei que proíbe o skate em passeios públicos, vias públicas, corredores de ônibus e no centro da cidade, sob pena de multa. Não oferece, salvo por uma pista em péssimas condições, outras alternativas para os praticantes do esporte na cidade. Proibição, repressão, negação, imposição, bloqueio, marginalização e inimizade: energia negativa. Em Juiz de Fora, foi decidido que seriam construídas pistas em praças públicas para os skatistas. Alternativa, solução, aceitação, integração à sociedade, desmarginalização: energia positiva. Basta refletir e pensar: qual surtirá resultado? Qual das soluções encontradas pelas duas prefeituras realmente fará nossa sociedade ter um relacionamento melhor com a juventude? [...] As pessoas envolvidas nessas duas histórias formam uma nova geração que um dia participará das decisões das regras do jogo e, direta ou indiretamente, até das leis. E esse dia não está muito longe. As soluções que funcionam, para qualquer problema na vida, são aquelas de caráter positivo, longe da falível repressão.⁴

Após essa primeira matéria, e tendo notícias que a proibição do skate em Blumenau ainda continuava em voga, um fotógrafo e um jornalista que trabalhavam nessa revista visitaram a cidade no ano de 2007 com o objetivo de registrar a cena local e também reforçar a posição assumida por esse veículo pela legalização da prática. Na capa de sua edição de fevereiro deste mesmo ano havia quatro manchetes, sendo que numa delas encontrava-se escrito: “MANIFESTO PELA LIBERDADE: Uma sessão proibida pelas ruas de Blumenau”. Tratava-se da principal matéria da revista, que em doze páginas coloridas trazia imagens de skatistas em ação pelas ruas de Blumenau, feitas pelo fotógrafo André Ferrer, e uma série de textos escritos pelo jornalista Marcelo Viegas. Logo no início da reportagem, lia-se: “Uma lei ordinária de 1999 decretou a proibição do skate nas ruas de Blumenau (SC). Sete anos

³ Prefeitura de Juiz de Fora. Câmara Municipal. Protocolo nº 35, de 23/01/2001.

⁴ Revista *100% Skate*, n. 48, março de 2002, p. 21.

depois, a lei continua em vigor, restringindo liberdades individuais e transformando skatistas em foras-da-lei”⁵.

Nesta reportagem, após ouvir os skatistas da cidade, era apresentada uma versão para proibição do skate ligada a uma vereadora da cidade, cujo o nome não foi revelado. Dizia-se que “lá pelos idos de 1998, na cidade de Blumenau (SC), algum skatista desavisado e meio sem noção fez o (des)favor de atropelar uma vereadora. Como era de se esperar, a distinta senhora pegou birra do skate. A birra transformou-se num projeto de lei para proibir a prática do esporte em vias públicas”. Para Marcelo Viegas, autor da reportagem, “a tal lei é fruto de uma implicância pessoal, não é um desejo da coletividade transformado em lei, o que seria cabível no contexto das sociedades democráticas. O que imperou, ao contrário, foi um cisma pessoal, e isso é absolutamente condenável na política”⁶.

Nessa reportagem também se encontra escrito que, embora a lei fizesse referência a determinadas ruas centrais da cidade, na prática, a proibição ampliava-se por todo seu espaço urbano. Muitos skatistas de Blumenau afirmavam ser “tratados com marginais pela polícia”, e que levavam um belo sermão quando tinham seus skates apreendidos⁷. O skatista Giuliano Tamanini, por exemplo, argumentava que “perdemos a liberdade de ir e vir com nosso meio de transporte, e não podemos praticar o esporte nos picos de rua”⁸.

Assim, ao final dessa reportagem, o jornalista Marcelo Viegas questionava: “É justo que um jovem skatista seja submetido a uma condição de semi-marginalidade?”. A matéria, de doze páginas, terminava com uma foto de um skatista praticando dentro de um ginásio de esportes, emoldurada com a seguinte provocação: “Basta de proibição, basta de discriminação. Que as liberdades individuais sejam respeitadas é o mínimo que se espera de qualquer sociedade digna de ser chamada democrática”.

⁵ VIEGAS, Marcelo. Manifesto pela Liberdade. In: Revista *100% Skate*, n. 107, fevereiro de 2007, p. 30.

⁶ Idem, p.32.

⁷ Idem, p. 32.

⁸ VIEGAS, Marcelo. Manifesto pela Liberdade. In: Revista *100% Skate*, n. 107, fevereiro de 2007, p. 34.

Considerações Finais

A iniciativa da revista *100%* em denunciar a proibição do skate pelas ruas de Blumenau forneceu a munição necessária para os skatistas se reunirem, principalmente sob a liderança do skatista George Gonçalves, que há tempos promovia campeonatos na cidade e presidia a UBER (União Blumenauense de Esportes Radicais).

Com a revista em mãos, George Gonçalves conseguiu uma audiência na Câmara dos vereadores da cidade. Ele ocupou a Tribuna Livre da Câmara Municipal e exibiu a matéria: "Manifesto pela Liberdade", veiculada pela Revista *100%*. A reportagem, que exibia negativamente a cidade em nível nacional, gerou impacto entre os vereadores. O objetivo de George era tanto a legalização da prática do skate quanto viabilizar a construção de uma nova pista pública, pois a pista da "Prainha" já estava praticamente abandonada pela má conservação e deterioração.

No ano de 1999 – quando foi decretada a proibição do skate – a UBES havia recebido do prefeito Décio Lima (PT) uma área dentro do Parque Ramiro Ruediger. Desde então essa associação passou a batalhar pela construção de uma pista de skate no local. Segundo George, "recebemos do prefeito Décio Lima uma área dentro do Parque Ramiro Ruediger, mas a pista foi construída somente em 2009". Ele relata que desde que conseguiram esse espaço, passaram a lutar pela construção da pista: "a gente passou de 1999 a 2009 indo atrás do poder público para que conseguíssemos uma área. E nesse meio tempo existia a lei ainda, que proibia andar de skate nas calçadas".

Em 2007 os skatistas conseguiram receber apoio de vereadores do PT e também da bancada do PMDB, sendo que o Deputado Federal João Pizzolatti (PP) comprometeu-se em conseguir uma emenda no valor de R\$ 110 mil do Orçamento da União. Ao final, 14 vereadores se dispuseram a ajudar, inclusive muitos se ofereceram para participar de uma reunião com o secretário de Desenvolvimento Regional, Paulo França⁹.

George Gonçalves conta que a UBER foi fundamental para pressionar os vereadores, pois através dessa associação foi possível colocar mais de cinquenta skatistas e simpatizantes dentro da Câmara. Sob os protestos dessa

⁹ <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=2835>, acesso em 05/07/2015.

associação, em 2007 foi revogada a lei que proibia a prática do skate pelas ruas da cidade, o que ocorreu pela Lei n. 7161/2007.

No ano de 2009 foi construída a nova pista pública de skate, localizada no Parque Ramiro Ruediger. Segundo George Gonçalves, “a pista foi construída graças a dedicação da UBER, do prefeito João Paulo Kleinübing e da Fundação de Esportes que abraçou a causa”. Em 2009 a UBER começou uma Escolinha de Skate nesta pista, tendo como professor de skate o próprio George Gonçalves. Ele conta que a Escola de Skate continua em atividade até o presente momento e vem possibilitando a iniciação de muitas crianças e jovens à prática do skate.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte**: uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014.

_____. **A Cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

MATTEDI, Marcos Antônio. A formação de políticas em Blumenau: o caso do problema das enchentes. In: THEIS, Ivo; MATTEDI, Marcos; TOMIO, Fabrício (org.). **Novos olhares sobre Blumenau**: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Edifurb, 2000, p. 195- 230.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 197 – 252.